



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 7 • Dezembro 2008

Dr. Júlio Estêvão Franchini

O Nascimento da Cirurgia Moderna em Portugal

Luis Carvalho

A CIRURGIA EM PORTUGAL E NO MUNDO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

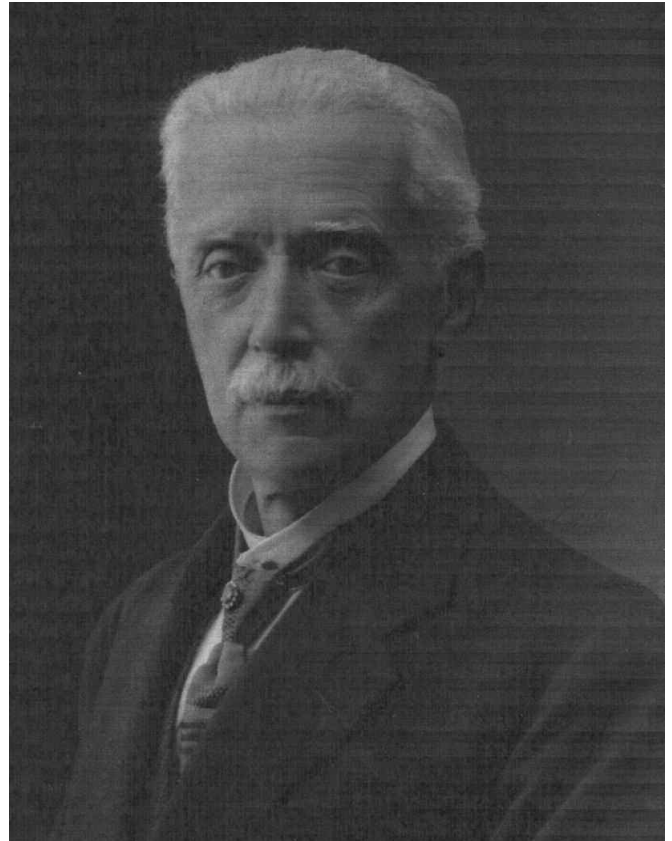
Durante o século XIX, nomeadamente a partir das décadas de 60 e 70, verificaram-se grandes transformações ou progressos científicos que criaram condições para surtos de progresso acelerado em múltiplas actividades humanas.

Assim sucedeu no campo da assistência médica, em que tais transformações revolucionaram certas áreas da prática clínica que entraram num mundo totalmente novo e esperançoso.

Foi no Campo da Cirurgia que mais se notou esse salto qualitativo. De facto, até aos anos 60 do século a cirurgia pouco mais fazia do que amputações, tratamento de feridas de guerra, drenagem de abscessos, etc, em regra com resultados muito maus, com elevadíssimas taxas de mortalidade e sobretudo de infecção operatória, que era quase uma fatalidade. A cirurgia visceral estava portanto quase inviabilizada, pese embora a destreza adquirida na prática do cadáver, muitas vezes de nível superior. Para além disso a incapacidade de controlar a dor operatória tornava inaceitável pelo menos as cirurgias programadas.

As grandes evoluções verificadas no controle da dor e das infecções pós-operatórias foram os factores essenciais da mudança.

A primeira aquisição foi no domínio da anestesia. Em 1846, Morton que exercia em Boston, começou a usar o éter como anestésico com tão bons resultados que a experiência se alargou rapidamente; pela mesma época, Wells, médico na Geórgia, começou a usar o “Protóxido de azoto” que ele vira ser usado nas feiras



como “Gás Hilariante”, mas por qualquer razão a experiência não se tornou popular. Aceitação generalizada teve, por esses anos 50, outro gás, o Clorofórmio, utilizado desde 1847 por Simpson, que era habitualmente administrado através da “Máscara de Ombredanne”, e que se manteve em uso até meados do século XX, só aí sendo substituído pelo ciclopropano e depois por sucessivos tipos de anestésicos ao mesmo tempo que se assistia à reabilitação do Protóxido de Azoto.⁽¹⁾



A segunda grande mudança resultou dos trabalhos de Louis Pasteur, que demonstrando a falsidade da teoria da “geração espontânea dos germes”,

lançou as bases para a adopção de medidas de assepsia, desde então usadas em todo o Mundo.

Antes de Pasteur, durante a primeira metade do século XIX “Cirurgiões e obstetras não tomam quaisquer preocupações de higiene”⁽²⁾. Passavam da sala de autópsias para a de operações sem lavar as mãos e por vezes usando os mesmos instrumentos, sem os limpar, operavam de sobrecasaca, com avental para os proteger (a eles) do sangue”. Talvez por formação técnica incipiente e falta de cultura médica, a generalidade dos práticos não via com bons olhos os esforços dos que procuravam contrariar a infecção na sala de operações. “Um médico de Boston que preconizava usar roupa limpa e lavar as mãos para operar, não tem seguidores”⁽²⁾. É conhecida a tragédia de Semmelweiss, que, em 1861, se revolta com a mortandade das febres puerperais. Preconiza medidas simples de higiene, que reduziam muito significativamente a mortalidade; desencadeou a ira dos seus colegas tendo sido banido da profissão, acabando por enlouquecer e morrer⁽²⁾. A sanha anti – assépsia era tal que, em Paris, o Director do Hospital Cochin proibiu a entrada de sabão e escovas na maternidade.⁽²⁾

Entretanto, na Escócia já desde 1860 que o Cirurgião J. Lister vinha a usar o “Fenol” para lavar as feridas e campos operatórios e para impregnar os pensos cirúrgicos; estas medidas, associadas a rigor na limpeza dos locais cirúrgicos e das roupas e mãos dos cirurgiões, eram o essencial do método “Antisséptico”. Em consequência baixou muito a mortalidade e reduziram-se as infecções. Só em 1865, Lister tomou conhecimento dos trabalhos de Pasteur o que trouxe uma preciosa ajuda às suas práticas empíricas.

Sobretudo após um artigo publicado por Pasteur no “Lancet” a classe médica e os políticos conheceram as potencialidades das descobertas e das suas consequências práticas, o que levou à generalização das regras de assépsia e antissépsia, nos países mais desenvolvidos, em particular, França, Grã-Bretanha, Alemanha, EUA.⁽¹⁾

Controlada a Dor e a Infecção, largas perspectivas se abriam para a prática cirúrgica, alargando-se as indicações, inventando novos instrumentos

(Péan, Kocher, etc), ou luvas cirúrgicas (Halstead), fazendo uso da luz eléctrica no campo operatório, etc

Em Inglaterra, a anestesia pelo éter, foi introduzida nos Hospitais de Londres no início de 1847⁽³⁾, e os métodos antissépticos foram introduzidos progressivamente entre 1870 e 1880, conduzindo a uma enorme melhoria nos cuidados de enfermagem, para o que sem dúvida contribuiu o trabalho, precisamente nessa época, de Florence Nightingale, que, a partir do seu St. Thomas Hospital, viria a revolucionar o exercício da profissão⁽³⁾.

Em Portugal as novidades científicas demoravam a chegar naquela época, e só por volta dos anos 80 é que se começaram a usar por sistema as novas regras derivadas do desenvolvimento da Bacteriologia e da Anestesia.

A resistência dos conservadores, à semelhança do que se verificara na Europa, incluindo muitos professores de cirurgia, esteve na origem do combate meritório de alguns jovens médicos ou Cirurgiões que tiveram que se bater para impor as novas regras . Em Portugal, como pouco antes na Europa, “A ideia da existência de germes responsáveis pela supuração das feridas e pelo contágio entre os operados, ganha terreno pouco a pouco”.⁽¹⁾

Em Portugal, na Escola médico-cirúrgica do Porto (EMC), logo em 1881, o aluno Joaquim Maurício Lopes, apresentou a sua “Dissertação Inaugural” intitulada “Listerismo, ensaio sobre o Penso de Lister”, sendo Professor de Clínica Cirúrgica, o Prof. Eduardo Pimenta, considerado na altura o mais “hábil” cirurgião do Porto.^(1,4)

No mundo desenvolvido da época alargam-se muito as capacidades da Cirurgia, em particular visceral, surgindo grandes nomes de profissionais que lançaram as bases da actual prática, tais como Sims (EUA), Billroth (Viena), Reverdin (França), Vitor Horsley (GB), Pirogoff (Rússia), Terrilon (Paris)⁽¹⁾.

Em Portugal surgem no Porto alguns jovens cirurgiões que se bateram para que as práticas pasteur-listerianas fossem introduzidas nos Hospitais.



No Hospital Geral de Santo António (HGSA) esteve desde início na primeira linha desse combate o Dr. Júlio Franchini, que se creditou como uma das mais destacadas figuras deste hospita, e que é o objecto deste trabalho.

Outras figuras da mesma geração, foram o Dr. Sousa Oliveira e, na opinião do Prof. J.A. Pires de Lima, também as brilhantes esperanças que se malograram por graves doenças, que os vitimaram, Dr. António Andrade e Martins da Silva.

O CIRURGIÃO FRANCHINI

Foi nestes termos que Amadeu Sales na Revista “O Tripeiro” titulava uma nota evocativa do centenário do nascimento de Júlio Franchini, em 20/5/1855.⁽⁵⁾

Esta designação assenta como uma luva no que foi a vida deste homem que foi um dos mais brilhantes cirurgiões do HGSA, em todas as épocas.

Júlio Estêvão Franchini, nasceu em Gibraltar, filho de um maestro e compositor, de origem italiana, João Franchini,⁽⁵⁾ e de uma senhora austríaca. Fez o Liceu no Porto, onde foi condiscípulo daquele que foi um amigo de toda a vida, o Dr. Tito Fontes. É Tito Fontes que diz que Júlio foi um dos 12 melhores alunos (em 50) da disciplina de matemática, de que era professor um futuro docente da Universidade, Azevedo de Albuquerque.⁽⁶⁾

Em 1875 matriculou-se na então Escola Médico-Cirúrgica (EMC), onde desde o início foi considerado por todos e sobretudo pelos colegas, como um dos, senão o, melhores alunos do curso.

Segundo o Prof. Carlos Lima⁽⁶⁾ foi o primeiro em Anatomia, ex-aequo com Roberto Frias, e em partos. Diz a esse respeito Tito Fontes⁽⁶⁾ que a sua modéstia extrema o prejudicava não tendo muitas vezes as classificações merecidas, embora os condiscípulos recorressem habitualmente a ele para desfazer dúvidas sobre qualquer assunto do curso.

Quando aluno do 5º ano, já tinha sido nomeado interinamente médico interno do HGSA. Era então professor de Obstetrícia o Dr. Agostinho António do



Souto, já de idade avançada, que permitiu que, principalmente durante as férias, Júlio Franchini, fosse chamado a intervir em casos de distocia. Tornou-se assim, ainda estudante, “um exímio parteiro”. Por esse motivo, a totalidade dos seus condiscípulos, sem uma única excepção, manditou uma comissão para comunicar ao Professor que, sendo ele o melhor, seria o “mais digno da primeira classificação”, o que teve a anuência daquele.

Este episódio mostra aquilo que todos os seus contemporâneos dele escreveram: que sendo extremamente modesto era sempre solidário com os seus colegas, em quem só contava amigos.

Licenciou-se em 1880, com 24 anos, apresentando a tese “O forceps e a sua aplicação na inércia primitiva”. Logo em seguida foi nomeado a título definitivo, interno do HGSA. Durante 6 anos de internato trabalhou em várias salas de cirurgia e de partos, aperfeiçoando a técnica cirúrgica sobretudo com o seu mestre Prof. Eduardo Pimenta, considerado um dos melhores cirurgiões da Casa. Também adquiriu muita experiência na enfermaria do Dr. Fortunato Pimentel,





que, velho e cansado, lhe entregava toda a cirurgia do serviço.

Entretanto iam chegando até Portugal, ecos dos estudos de Pasteur e Lister (estava-se já na década de 80, quase 20 anos após as suas publicações sobre bacteriologia), e o jovem Júlio, tinha-lhes sido imediatamente sensível quando ainda estudante..

Tito Fontes referia-se, em 1927, a essa época, cuja recordação lembra “ o horror, que hoje parece já afastado de séculos, tal era o quadro trágico que diariamente se patenteava nas sala de cirurgia e Partos. Eram verdadeiras hecatombes”.⁽⁶⁾ “A infecção purulenta, a septicemia, a erisipela, a podridão dos hospitais, a febre puerperal, eram o espectro horroroso dos cirurgiões dessa época”. Júlio Franchini durante muito tempo lutou contra “o conservantismo de então, apesar de em 1881 ter sido apresentada uma tese sobre “Listerismo”,

em que se demonstrava que o penso de Lister evitava complicações. (autor : Maurício Lopes) Vários obstáculos o jovem cirurgião tinha que vencer: “por um lado o Regulamento do HGSA, da época, não permitia a realização de qualquer operação de *Alta Cirurgia* sem o voto da maioria dos colegas do Hospital; por outro lado a oposição às novas ideias, ainda formulada de modo categórico, por homens *ilustres* ou tidos como tal.”

“As chamadas descobertas de Pasteur são curiosidades de história natural, interessantes, mas de nenhum interesse para a medicina, não merecendo que se perca tempo com isso”. “Pasteur tem uma desculpa: é que sendo químico quis reformar a medicina, à qual ele é absolutamente estranho”

Com argumentos deste jaez, eivados de ignorância e pessorência arrogante, era difícil um jovem profissional impor os seus pontos de vista.

Entretanto Franchini, licenciado em 1880, sempre seguiu nas suas enfermarias, “os preceitos antissépticos já correntes lá fora, desde que, em 1881, se fizeram em clínica cirúrgica do HGSA, as primeiras aplicações do Penso completo de Lister” ⁽⁴⁾

Mas os argumentos aduzidos contra os ensinamentos de Pasteur e Lister “serviram de pretexto à maioria dos colegas do Hospital para rejeitarem sistematicamente e por bastante tempo todas as tentativas feitas por Franchini para realizar qualquer operação de alta cirurgia, servindo-se dos pensos antissépticos” (Tito Fontes - 6).

Franchini teve que lutar desde início da sua carreira, pois chegou a ser impedido de operar pelo Director do Hospital Chaves de Oliveira (um cultor da Homeopatia), tendo sido o seu amigo Tito Fontes que, cedendo-lhe algumas camas na sua enfermaria, permitiu que ele lá colocasse os seus operados, enquanto trabalhava em todas as áreas cirúrgicas, adquirindo uma técnica perfeita e completa.⁽⁴⁾

As dificuldades aumentavam com o facto de o Mestre de Júlio, Eduardo Pimenta, embora aceitando em teoria os novos processos, não os cumprir na prática, em virtude de velhos hábitos, como meter dedos em feridas cirúrgicas sem luvas nem assépsia.^(4,6)



Depois de alguns insucessos com Eduardo Pimenta em ovariectomias, lutando, muito e sempre, com ardor e com paixão, como diz Tito Fontes, acabou por sair vitorioso, sendo um dos iniciadores, talvez o primeiro, da Cirurgia Moderna nesta cidade. Só depois de 1887, ganhou um aliado de peso que foi o Professor da EMC António Azevedo Maia.

De facto Azevedo Maia fora nomeado lente de Fisiologia na EMC em 1881 transitando em 1887 para lente de Clínica Médica. Decidiu dedicar-se à Cirurgia (nessa época não havia distinção estanque entre Medicina e Cirurgia) e para tal deslocou-se ao estrangeiro para se informar sobre as novas técnicas da Cirurgia “Moderna”. Regressou convencido das vantagens e justeza das descobertas de Pasteur e Lister., pelo que constituiu um forte aliado na luta que o precursor Franchini vinha desenvolvendo desde o início da década. Azevedo Maia, pouco mais velho do que Franchini (nasceu em 1851) tinha a seu favor o ser lente. pelo que, quando em Março de 1888 decidiu fazer a sua primeira ovariectomia, dispensou-se de convocar a costumada conferência ⁽⁴⁾. Polemista irritante, como o define Tito Fontes, enfrentou alguns cirurgiões do HGSA, por serem refractários à aplicação da assepsia, isto já em 1888, quando já era demasiado tarde para persistir em não adoptar as novas descobertas. Assim, em 1892 foi apresentada uma Tese sobre “Assepsia e Antissepsia” em que o aluno António Araújo Pimenta, descrevia a experiência do HGSA na matéria.

A Franchini e a Maia veio então associar-se o cirurgião Sousa Oliveira e juntos, acabaram por vencer e a modernidade da época chegou ao HGSA. A partir daí, a Cirurgia, em particular a ginecológica, desenvolveu-se imenso, a mortalidade baixou, e entretanto Franchini, prosseguindo a sua experiência passada e do Mestre Eduardo Pimenta, conduziu – a para níveis bem mais elevados, podendo ser considerado o fundador da moderna Ginecologia no HGSA. Ao mesmo tempo, no dizer de Maximiano Lemos ⁽⁷⁾ “A cirurgia portuense elevou-se a uma altura notável” no decurso dos 20 anos seguintes

O Prof. Álvaro Teixeira Bastos considerava que Aze-

vedo Maia, teria sido, no Norte “O verdadeiro criador da Ginecologia” ⁽⁸⁾, entendendo que a primeira operação relatada, teria sido efectuada em 1888, referindo 4 teses de alunos apresentadas em 1889, sobre cirurgia ginecológica.

No entanto, o Prof. Hernani Monteiro ⁽⁴⁾ diz que as primeiras ovariectomias foram realizadas em 1883 e 1887 pelo Prof. Eduardo Pimenta e Júlio Franchini. Referindo ainda outra, efectuada em 1885 e publicada na revista “Saúde Pública”.

Como a partir de 1890, ambos os cirurgiões operavam, talvez seja mais correcto dizer-se que a cirurgia ginecológica moderna, no HGSA se iniciou com Júlio Franchini logo seguido por Azevedo Maia.

A CIRURGIA, EM ESPECIAL A GINECOLÓGICA, NO DEALBAR DO SÉCULO XX

A ginecologia desenvolve-se portanto a partir do pioneirismo de Franchini, no Porto, mas também em Lisboa com Bordalo Pinheiro, Sabino Coelho, Custódio Cabeça, que se seguiram aos pioneiros Prof. António Maria Barbosa e Alves Branco ⁽⁸⁾ havendo uma certa competição com o Porto, como relata Hernâni Monteiro ⁽⁴⁾. Dizia pelo visto o Prof. Cabeça que para o seu colega do Porto Azevedo Maia, pareciam estar fechadas as fronteiras de Portugal, isto apesar das viagens de Maia. Tal motivou resposta de Forbes Costa, assistente de Maia, que teria operado depois de 1895 vários casos de histerectomia vaginal e abdominal com bons resultados, negando os insucessos referidos pelo cirurgião de Lisboa.

Diz Hernâni Monteiro que as primeiras histerectomias vaginais no nosso País foram realizadas no Porto por J. Franchini, “quer para extirpação dos anexos, quer para extirpação de úteros cancerosos” ⁽⁴⁾, antes da primeira feita em Lisboa no fim de 1891 pelo Dr. Bordalo Pinheiro.

Nessa época já no HGSA havia a persistente falta de publicação de resultados ou técnicas pelo que não era nem é fácil provar a actividade dos diferentes serviços. Assim Hernâni Monteiro teve que consultar os



relatórios anuais da SCMP para tentar saber qual a cirurgia praticada no HGSA, pelo cirurgião Franchini em 1891, conseguindo contar “um volumosa tumor do útero”, histerectomia abdominal com atamento do pedículo”, “Histerectomia vaginal total com ablação de anexos, por epiteloma do corpo do útero e salpingite purulenta dupla”, “Histerectomia vaginal total por neoplasma do útero”. Em Coimbra pela mesma altura, ainda não se praticava cirurgia ginecológica de envergadura, só surgindo mais tarde pelo Prof. Refoios. ⁽⁴⁾.

No Porto, aos pioneiros Franchini, Sousa Oliveira e Azevedo Maia, seguiram-se outros grandes cirurgiões que desenvolveram a cirurgia Geral e ginecológica, quando era já indiscutível “que, de ano para ano se nota que a assépsia se arreiga e ainda bem” como dizia Roberto Frias cerca de 1900, na Gazeta Médica do Porto”. Dentre eles, destacam-se Roberto Frias, que fora discípulo de Júlio Franchini, Cândido de Pinho e Maia Mendes, todos grandes figuras do HGSA e da EMC.

No HGSA, Júlio Franchini foi nomeado Director de Enfermaria, por unanimidade da sessão da Mesa de 26/7/1888, exercendo essas funções nas enfermarias 13 ou 14 (Mulheres) até à aposentação em 1925.

Também exerceu por duas vezes o cargo de Director Clínico: a primeira em fins da década de 80, quando da publicação do Regulamento que traduzia a grande reforma de 1882 do Prof. Costa Simões; a 2ª foi na sequência do 5 de Outubro de 1910, (empossado em 18/11/1910, pelo novo Provedor A. Calém). Em ambas esteve em funções apenas 9 meses, “ O tempo de uma gestação” como gostava de dizer .

Considerado por todos um grande cirurgião, com uma técnica e conhecimentos anatómicos de elevado nível era também definido por todos os que o conheceram como extremamente modesto, e avesso a distinções.

Apesar disso, o Conselho Escolar da EMC, em Novembro de 1910, propôs por unanimidade, a criação da cadeira de Ginecologia e a entrega da sua regência ao Dr. Franchini. Por razões obscuras a tutela nunca respondeu à proposta.

Em 1906, Júlio Franchini viaja até Paris e visita os

serviços de Tuffier, Pozzi, Hartmann, Doyen, trazendo, no regresso a Portugal o primeiro aparelho de anestesia pelo clorofórmio, e as ampolas de “estovaína” com que, no Porto, foram feitas as primeiras raquianestésias.

Fora do Hospital há que destacar a criação da Casa de Saúde Portuense pelos ilustres Psiquiatras Júlio de Matos e Maximiano Lemos, ambos professores na EMC, tendo convidado Franchini e o seu velho amigo Tito Fontes para exercerem lá as actividades da área da Cirurgia e da Medicina respectivamente. O desinteresse de Franchini pelas benesses materiais fez com que muitas vezes operasse doentes pobres na clínica sem cobrar honorários.

Admirado e respeitado por toda a cidade, atingiu a jubilação em 1925, sendo, contudo, alvo de expressiva homenagem do Hospital, da Faculdade de Medicina e da Cidade, em 12 de Junho de 1927, que deu bem a medida da importância que a sua figura tinha para a comunidade.

A convocatória para a cerimónia era assinada pelos Directores de todos os doze Hospitais da cidade, pelo Director da FMP Prof. Carlos Lima, e pelo Presidente da Associação Médica Lusitana, Prof. J. Pires de Lima.

Na primeira sessão realizada na Secretaria do HGSA, foi descerrado um busto em baixo relevo do homenageado, da autoria do Escultor João de Silva, e na sessão, presidida pelo Provedor A. A. Cálem usaram da palavra os médicos do HGSA António Ramos de Magalhães e Angelo das Neves. Outra sessão realizada na SCMP, presidida, em representação do Reitor da U.P., pelo Professor e General Vitorino Laranjeira, e na qual usaram da palavra os Prof. Alberto de Aguiar e Carlos Lima, pela FMP, O Dr. Mendes Correia pela Associação Médica Lusitana, o Dr. Tito Fontes, velho Amigo e companheiro desde o Liceu, Dr. Álvaro Rosas em nome dos discípulos e continuadores no HGSA, o Dr. Adriano Antero, amigo e cliente do homenageado que no final agradeceu.⁽⁶⁾

Estas intervenções foram publicadas em folheto, pelo Prof. Hernâni Monteiro, seu admirador, em 1928, e da sua leitura ressalta a elevada qualidade humana e capacidade técnica e científica do Dr. Júlio



Franchini, que todos consideravam um dos, senão o mais qualificado Cirurgião do seu tempo.

Já antes, num artigo publicado no “Comércio do Porto” em 6/7/1926 (9), intitulado “Crónica científica”, o Prof. J.A. Pires de Lima escrevia que entre os maiores nomes da Cirurgia no Porto se contavam ... “Bernardino de Almeida, Eduardo Pimenta, Azevedo Maia, Sousa Oliveira, Roberto Frias, Maia Mendes, ... e o decano dos cirurgiões portuenses Dr. Júlio Franchini, símbolo incontestado de dignidade profissional, que toda a classe médica admira e respeita”. Referindo-se mais adiante ao “verdadeiro papel desempenhado por Franchini na renovação por que passou a cirurgia no último quartel do século XIX”

RESUMO E CONCLUSÕES

Na 2ª metade do século XIX e em particular a partir da década de 60, verificaram-se descobertas no âmbito da bacteriologia, sobretudo pelos trabalhos de Louis Pasteur, mas também dos do escocês Lister ou do húngaro Semmelweiss, que conduziram a uma verdadeira revolução na prática cirúrgica da época, em especial se lhe adicionarem as descobertas, anos antes, no domínio da Anestesia. De facto a terrível infecção pós-operatória com mortalidades elevadíssimas, travava o progresso da Cirurgia, em particular da abdominal. A utilização generalizada das técnicas de assepsia e antissépsia, assim como o controle da dor, abriram perspectivas que fizeram que nesse período tivesse nascido a Cirurgia Moderna.

Em Portugal as novas ideias tiveram que vencer barreiras de preconceito e ignorância, em particular da parte dos médicos hospitalares.

No HGSA a situação era tendencialmente de recusa aos novos métodos, pelo que assume especial relevância a luta pioneira e de início quase solitária dum jovem cirurgião, Júlio Franchini, brilhante e laureado aluno da EMC do Porto, que foi reconhecido na época, como um dos melhores cirurgiões que se formaram e trabalharam no HGSA.

Na homenagem atrás referida, em 1927, um luzido grupo de 70 personalidades do maior gabarito na cidade e na Universidade do Porto, em particular na FMP, dirigiu-lhe um texto em que se dizia que

“num período em que as geniais descobertas de Pasteur e Lister tinham revolucionado as ciências médicas, a V.Excia coube desempenhar um papel de primacial relevo na Cirurgia da nossa terra. E, sem dúvida nenhuma, é a V.Excia que principalmente devemos a introdução no Porto dos modernos processos de operar”

Como se vê, Júlio Franchini acabou vencendo a batalha, e com ele se iniciou também a moderna cirurgia, e em particular o sector que mais o interessou sempre que foi a cirurgia ginecológica.

O reconhecimento unânime dos seus méritos e da contribuição que deu à modernização técnico-científica do HGSA, foi bem expresso na homenagem já referida, à qual se associaram todas as forças vivas da área da saúde, Hospitais, FMP e UP, médicos, cidadãos, doentes e familiares, a comunidade.

O Dr. Júlio Franchini enfileira assim no grupo de personalidades que ao longo de 200 anos ilustraram a História da instituição e cujo exemplo deve ser recordado pelas gerações mais novas.



BIBLIOGRAFIA

1. Jean Charles Sournia, História da Medicina, Ed. Piaget – 1995.
2. Prof. Maurice Tubiana, História da Medicina e do pensamento médico, Teorema (tradução de Editions Flammarion, 1995).
3. Geoffrey Rivett, The development of the London Hospital System 1823-1982, King's Found Editions, London 1986.
4. Prof. Hernani Monteiro, Origens da Cirurgia Portuense, Porto, 1926.
5. Amadeu Sales, “O cirurgião Franchini”, “O Tripeiro” Ano X - Maio de 1955, pg. 5.
6. “Homenagem ao Cirurgião Júlio Franchini”, Colectânea de discursos na Homenagem de 1927, Organizada por Prof. Hernâni Monteiro, Porto 1928.
7. Maximiano Lemos, História do Ensino Médico no Porto, Porto, 1926.
8. Prof. Álvaro Teixeira Bastos, Anuário da FMP, 1913 (ano lectivo 1911-1912), Porto 1913.
9. J.A. Pires de Lima, Crónica Científica, “O Comércio do Porto” de 6/7/1926.

Agradecimentos: A iconografia que acompanha este trabalho, foi-me disponibilizada pela Família do Dr. Júlio Franchini, a quem agradeço muito penhorado, pois permite dar algum conteúdo de imagem à tentativa de Biografia de tão ilustre e distinto cirurgião do HGSA, a que me abalancei. Em especial agradeço a disponibilidade da minha colega e médica do Quadro do HGSA, Dr.^a Graça Franchini, esposa do trineto do biografado, Sr. António Júlio Seguro Pereira Franchini.

